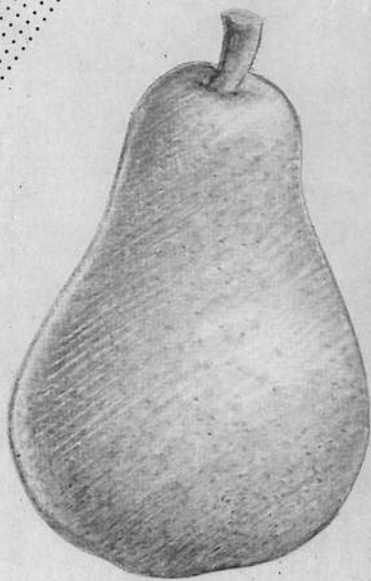


os dias gagos



■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

claudia roquette-pinto



claudia roquette-pinto



os dias gagos



edição da autora

os dias gagos

copyright © 1991 by claudia roquette-pinto
direitos desta edição reservados à autora.



os dias gagos

*para ricardo, serginho e pedro
os homens da minha vida*



os dias gagos

zerando	6
fátua	7
desenlace	8
hiato	9
blefe	10
tranco	11

litografia	13
sobretudo	14
genesis	15
fabulando	16

para sylvia plath	18
brasa dormida	19
a lei da pólis	20

vácuo

eclipse	22
manhã rarefeita	23
visitação da morte	24
dura ou caroável	25
numa estrada	26

trips

<i>all-leather</i>	28
intermitentes	29
jazz	30
poema riscado no escuro	31
tarde no mojave	32

quartos crescentes

<i>moon lady</i>	34
na maternidade	35
quatro flashes antes do poema	36
menino no berço	37
marinha com medo de dormir	38
móbile	39

visão e tato

quase	41
umbral	42
tarde na serra	43
luz depois do mergulho ...	44
ruídos	45

porcelana	47
visão e tato	48
tema para esboço	49
no ateliê	50
no jardim	51





os dias gagos

"a todos poemas ausentes corando no tempo"

zerando

existe um mês que desconhece o branco
tropéis de inseto estréiam seus metais
as folhas sérias têm prata e resguardo
contra o horizonte há o temor dos cascos

fora a cabeça, nuvens sem projeto
(as sobranceiras de um deus *nonchalant*)
silêncio pisca grilos queima insetos
no lume vago a falta de intenções

há sempre essa ameaça de olvido
vibrando impaciência nos papéis
e algum motor te viciando o ritmo

a luz das frases já não têm feitiço
eis um destino – todo – a duvidar
janeiro passa o rodo. a tua vida.

fátua

pra bel (1963-1991)

fevereiro: quando as rosas ruem
arredias, pensas de suor
e desata um tremor nos lustres
(os garotos juram que é amor)

fevereiro favorece o truque
“saque às jóias, planos de um ladrão”
fogos fáceis ondulando fúteis
e um temor que reconhece as nuvens

a notícia não aceita duplo
são palavras na sala ruim
arranhando pulsos no percurso

nunca mais teu rouco ouro ruivo
e cabelos fogem – quase fluidos
fevereiro dita o teu dilúvio.

desenlace

março me deserta como se eu fosse um átrio
na fuga o pano persa faz estardalhaço
lufada: panos áureos maltratam os ares
outono aponta depressa e dilui os terraços.
como em Nice, a caminho, na borda da areia
um mar denso, ferido, um atlântico alheio
e outubro fazendo os meus pés rarefeitos
o poema me trai como o sol estrangeiro.
mas aqui o outono não encontra promessa
março sopra silêncio entre dedos e pétalas
dos teus lábios caem apenas – tarde! – frases amarelas
se desisto do poema empalidecem as peras.
a idéia dormita na praça da testa
arde um átimo. agulha que o olho incendeia
"teu riso infernal crepita e doura a semana inteira"
porque se o poema me habita: "há um céu de mil janelas".

hiato

a todos os poemas que nunca escrevi—nem hei de—
estendo essa dor como palmos sobre um lençol
é plana, são planos os meus desejos
textura de silêncio entre os dedos

janela:algum movimento. paredes.
poeiras desnudam-se em órion aderem na luz
abril atenua o que antes foi só geométrico
sigilo é o nome do gesto a um passo do verso

e tudo o que nunca se disse tem halo de éden
habita na orla das unhas os sonhos se enredam
e olhos enxagüam o *hall* numa órbita cega
correr no varal a vertigem do hálito ao verbo

com mão ágil abrir a costura de outros enredos
a todos poemas ausentes corando no tempo

blefe

pois esse é o mês bastardo, azinhavre
engole o que há de doce nos metais
silêncio embaça a pele dos diários
lençóis têm cor de áridos lençóis

existe azul, mas é um azul de asma
que a nitidez da tarde faz em cápsula
espelhos só devolvem olheira e pragas
um gesto que de fácil despedaça

catódica essa luminosidade
estranha o sol repele o sol, intacto
o tique que ficou meus dias gagos

a rima fica lívida nos lábios
e dor sem voz passeia o seu contágio
um gato eletrifica, arrisco maio.

tranco

dezembro mais e mais irreversível
os dias mudos arrastando os pés
o ar estala uns dedos de delito
voltagens arrepiam pelo mês

desejos já sem gás bóiam na lista.
a íris dos grumetes nos sinais.
e todas as agendas em uníssonos
vomitam compromissos. algum *jazz*

imita o gesto o metro o nosso ritmo
pra olhos macro num arranha-céu
enquanto rostos roxos de fuligem

despencam e desviam pontapés.
às vezes um *grafitti* um teco um grito.
será que eu mudei? ou os natais?



litografia

mas se eu uso uma palavra nova
como tivesse uma pedra na língua
áspera troca tranca trinca
maxilares dormentes

cada sílaba faz-se displicente
o acaso de estar intrometida
entre outros rumores ainda
mais dizeres

pronuncia-se esta pepita
com lábios de desagravo
enquanto em segredo relevos
de quartzo

chacoalham num alvoroço
de dentes e ditos e datas
custa o tempo de um tropeço
lapidar uma palavra.

sobretudo

o paletó azul me separou da multidão
de horas que grudavam feito gente
fiquei mirando, um olho avisado
algun segredo que foi meu bem antes:
um raio um tilt o teu primeiro beijo
acordes me acordando o teu lençol
pião sorvendo num ralo ligeiro
a cor e a antesala dos avós
a letra mágica a página ímã
do Reinações na tarde de ambrosia
a voz do filho já não mais a minha
azul de ar o corpo tão alheio
quadriculado, eis que me incandesceu
—feito uma insígnia, quase absurdo—
arcaizando o meu presente inerte.
estava andando e então senti o sopro
o dia abriu em dois, nitidamente:
o paletó azul estava tecido com o poema
um *clown* sem nuvens atravessando a ponte.

genesis

ninguém diz: cor de mormaço o teu pelo
nem das amêndoas sabem o talismã
um *hall* de hotel e o *maître* toma arsênico
veludo e espasmo têm o mesmo efeito

no beco vi umas bananas ardendo
um álcool que rimava com veneno
os dias maduravam sortilégios
os meses no meu rosto feito vento

às vezes lapsos dentro do semestre
e o azul pulverizado das manhãs
queimavam nas artérias sol e éter

eu-dezessete e meio, etcétera
qualquer palavra que valesse a pena
o fogo em plena praça. esse poema.

fabulando

uivo é primo de sigilo
os dois, quatro dedos de escuro
viés é um deus imaturo
desviando vereditos
tumulto: um conjunto de outros
tem pressa e areia no atrito
no **ímpeto** mora o sussurro
de uma aguarrás sem juízo
horário são quartos de vidro
vazando as agulhas dos dias
gladíolo incita vertigens
e **trópico** às vezes varia

as sílabas racharam o dique
urdir é o xis da poesia.



*"estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa"*

adélia prado

para sylvia plath

dou ao teu corpo a fluidez
e a luz
de um suicídio aquoso
invoco, no sono, cabelos
de um teor que não desejo estranhar
imagino teu rosto um aquário
você transborda no vestido árido
peixes olhos
escorregam da tua tez

palavras sem raiz
mergulham na limpidez.

brasa dormida

pra adélia prado

ai de vocês, se eu fosse a dona dos mistérios
eficiente como uma mãe de minas
silenciosa, doada à palavra
e distraída de gerúndio e participio
batendo carne, plissando cúpulas
sem o menor encantamento
olhando o tempo e guardando a fúria
pra danação de um domingo eterno
eu na voragem de um domingo aberto
ai de vocês, se eu tivesse um dia inteiro.

a lei da pólis

ana cristina aflige:musa inútil
os suicidas cansam com seus *exeunt*
eu, vinte e um, as letras tão veredas
que precisava eleger fronteira
em outras frases, já despossuídas

o fato é que

ana c.

o tempo não coube você
e antes que o nosso desejo
aportasse nos teus telegramas
vieram os calhordas solenes
de sovaco-dicionário
e umas 3 divas míopes
com incenso e veleidades
namorar a tua ausência:
“elegia para a –quase!–leila diniz da poesia nacional”.

estou farta do lirismo descomedido

tão afeito à geografia umbilical !

alguém já disse: “o verso livre requer ouvido infalível”
mas não aqui:

à sombra dos coturnos floresceram uns cogumelos
e para ter a eternidade é só
cair sem deixar testamento
ou a chance de te maltratarem o verso
salve, e adeus, mana cristina César:
você nos desistiu.
nós não te enterraremos.



vácuo



eclipse

é uma sala branca angulosa sala
uma sala branca exatamente clara
uma sala branca que não lembra nada
uma sala tanta que a gente se cala

branca intransigente certa
branca quase aritmética
branca do piso à sanca
cega como a porta aberta

a sala tonta que não cabe em si
cena pronta para o eclipse.

manhã rarefeita

casacos olham da estante
com instinto assassino
as vozes sufocam de lá
no instante do grito

o cobre entristece como praias
em cardumes de ferrugem
a casa soletra: saia!
impune

formigas mordiscam o confeito
dos azulejos claros
as paredes cansaram
de um rosto alheio

espelhos não refletem
mais a cara do dono
tijolos me esquecem
- sono

visitação da morte

primeiro um alarme nos ossos
fisgada antes da chuva
ainda mais aguda
(dava pra ouvir o vazio respirando ali).
o ar adormecia em segredo
e os quadros, compoteiras, a pequena cidade de
[pedra sabão
foram perdendo o magnético tom dos pertences.
nesta tarde - mesmo uns dias antes-
alguma coisa se desprende, surpresa,
da nossa pele
feito um rapto de febre
e sempre,
então,
essa clareza presentificada distendendo os instantes:
a morte estava entrando no teu corpo.

dura ou caroável

a morte entra descalça nesse quarto
e entre um sonho e outro ela te habita
percorre as trepadeiras com aspereza
num gesto embaça a íris cor-de-mirra
o cômodo se queda intangível
com a lucidez de entorpecer espaços
não há palavras nem uso pra isso
e luz dilui seus contornos mais fáceis
a morte estanca o frêmito do dia
com sua voz de paina voz de nada
os dedos fecham os olhos e a tua vida
a essa intrusa já dona da casa.

numa estrada

a noite é um sopro doce e degenera
o bafo do que ainda vai morrer
o som da roda o asfalto não sossega
e chispa o trilho do trem o trilho do trem
a noite é uma espera fraudulenta
que as horas tecem sempre recomeça
as árvores esgarçam sua pele
com unhas de fumaça
a noite insone torce e mastiga
o som que a boca nunca pronuncia
a noite entrega a carne arrependida
à avidez da lâmina do dia.



trips



all-leather

lua alta em gotham city
tiro perdido no escuro
a noite abrindo o zíper

intermitentes

1. pneu roçando as traves do viaduto
2. silêncio e voz a lixa voz de um grilo
3. torneira interrompendo o escuro
4. o fátuo de um amor, o melhor músculo.

jazz

a noite tece ao redor.
há uma lua uma abó
bada um rosto de lilian gish
que alguém deixou de propósito.
atrás da mureta a
aspereza azul levita
e torna a afundar
abrindo prata e ror nessa hipnose.
correm notas pela escada
pérolas as teclas
os degraus.
eis: e depois
um sax desperta flores nos quadris.

de que lugar em mim verto esse caos?

poema riscado no escuro

metal invade o ouvido. a avenida
provoca e trepida. caminhões.
neblina tem a cor dessa fuligem
me deixa a vista a prazo a vista triste

são paulo quase íntima madrid
apolo de cuecas num *outdoor*
maior que a vida que qualquer delírio
e bairros que são fórmulas tupi

“aqui não tem coqueiro que dá côco”
se vira esquina feito um assobio
no masp alguns poetas (subsolo)

a gente crente que isso é nova iorque
e viadutos sonhos de um *voyeur*:

jamais estar na pele de outros corpos!

tarde no mojave

a vastidão desenrola um tapete implausível
cascalho num ritmo ríspido
quando a sola ensaia o amarelo
logo todo vertical oscila
e ondula - até a brita-
como a vista do hospital depois da agulha.
aqui não há pensamento
cigarras arranham o peito
dementes, numa anunciação.
pulmões incorporam o farelo
metálico e os pregos do cacto
provocam feito uma idéia ruim.
o sol é uma pupila
alheia que traga e destila
os últimos vestígios de vermelho.
um deus vomita no *canyon*
seus lábios têm ouro e ruína
a argila endurece entre os dedos.



quartos crescentes

"love set you going like a fat gold watch"
sylvia plath

moon lady

a lua cheia é fome de redondo
azula arranha o sono dos bebês
seus dentes trincam despertam crateras
os nós nos seus cabelos são estrelas.
o hálito da lua é absurdo
cai sobre os viadutos feito pó
as pragas que murmura queimam o olho
e ardem dentro de algumas senhoras.
um gesto e desprendem-se segredos
em manchas que habitam o calendário
as velhas se remexem pelas hortas
as freiras pelas frestas de soslaio.
a lua empoa o rosto de chinesa
com ares de quem tem dor e desdém
e todos os bebês que não nasceram
esperam insones pela sua vez.
a lua cheia é rouca. é proibido
o som da lua uivando sua tribo.

na maternidade

vivo. feito de espaço
e de dor
um, como se eu sempre soubesse
seu grito
é áspero e azul

sigo imóvel pelo corredor
da vitrine você não me vê
encharcado de ar
e tão nu

suo e entre lençóis
agulhas me tramam um tremor
cigarras esgarçam o breu

breve você vem com a luz
tomar o que há de melhor
nos seios
que agora são seus

quatro flashes antes do poema

- 1.inerte o rosto inútil da mãe
 tem uma máscara asteca
 cigarra sem cerimônia
 dispara a maraca elétrica.
 (o olho fechado é um plágio de descanso)
- 2.a arte por dentro da pálpebra a mãe
 acenderia libélulas
 dizeres de lume letal
 pelas tábuas paralelas
 da varanda
 tão voláteis
 que encantariam a tarde
 numa cena de john singer sargent
 (se ao menos lhe dessem a chance)
- 3.inadequada as rimas da mãe são esdrúxulas
 seu timbre também estridula
 o olhar tem um lápis-lazúli
 e um laivo oblíquo de culpa
 (essa mãe que adultece
 acalenta a idéia de uma beleza difícil)
- 4.o delírio a mãe sente o ar esquivando
 do seu ângulo estridente
 se aurifica encantamentos
 dentes unhas fosforescem.
 a gargalhada rubi
 desperta os corpos celestes.
 logo consome o universo
 com seu hálito de febre.
 (não há sombras para sesta
 quando a mãe enfrenta o verbo).

menino no berço

a tarde desce cúpulas opacas
sobre a cidade, um pólen azul
enlouquecendo junto com as estrelas
das telas que gritavam no beaubourg.
atenta a tua pele titubeio
enquanto a casa traga nossos sons
e pálpebras repetem o desfecho
do dia que escorrega seus neons.
alheia aos teus enredos de opalina
debruço na redoma encontro afoita
a tua luz o rapto da minha
se te derramo nos braços da noite.

marinha com medo de dormir

o sono é pra você quase um naufrágio
um ágil e gelado "homem ao mar"
girar sem volta o raio o labirinto
com os cabelos pesados de sal

o olho como última escotilha
e vozes vagas que encharcam a cabeça
as algas são pedaços de outros sonhos
e colam no teu corpo já sem peso

qualquer graveto segue no riacho
sem conhecer a cor que está no fundo
mas pra você o sono é um naufrágio
mais um gole de ar antes do escuro.

móbile

estrelas domadas, coelhos
levitam pasmos
cada boca uma vogal.
imóveis, no centro,
cochilam os quartos crescentes
- aparas das unhas de um deus.
nada transborda mas
o ar cheio de jogo
brota gestos do caos.
satélites - onde o teu corpo?
dedos ténues as redes de luz
(entreabrem uns olhos de éden)
entre os cílios, meu suborno.

visão e tato

quase

tinha um canto de jardim naquela chuva
tinha o tempo de umas férias esse átimo:
bravo agora o que agora foi diáfano

tinha um saber primário- não, primevo-
pernas lúcidas despontando trajetos
um compasso cuidadoso cada gesto

tinha pele e vertigem. magnetos
esses olhos feito infância, que me esquecem
tinha a trama dos meus dias no suéter

tinha a fala que se urdia num biombo
teve um tonto *tanto* inundando a sala
e caímos no silêncio feito um tombo.

(“das palavras que disseres, serás escravo
mas das que guardares, serás rei”)

umbral

a tarde desenrola um gesto ensaiado
cores desabrocham sem plano
quando a luz do teu rosto me atravessa os quartos
o verão é o senhor dos enganos

toda matina cigarras arranham
qualquer gume que eu jurava manso
e o cobre do colo acende no impacto
o verão é o senhor dos enganos

há um mel que nos deixa mais fáceis
e espaço pra dedo entre os panos
lábios dropam palavras envoltas em gaze
o verão é o senhor dos enganos

titubeio fatal esse passo
um hiato entre dois oceanos
na ausência de um sal que fustigue o olfato
o verão é o senhor dos enganos

tarde na serra

mangueira centenária na orla da nossa janela
tatu bola e centopéia enrolam na trepadeira
lá no longe as corcovas das nuvens carpideiras
a luz do teu corpo me evola e enlouquece as estrelas

luz depois do mergulho

depois de te amar saio refrescada
transparente nascida água
matéria de cisterna
de fosso fundo eterna
na tua profundidade

depois de me encharcar volto cristalina
do escuro à tona respiro
busco a luz que te defina:
água, talvez
água fugaz corpo piscina

ruídos

os teus ruídos deixam a casa útil
agora o talco mancha nossos pés mas
os sons
os sons é que te fazem juz

chuveiro: as paredes cham lívidos
cochichos tua líquida nudez
a lâmina bate em morse pela pia
escorre espuma uns flocos sem voz

em todos os rumores um rumor
-teu corpo, sempre prestes a fluir-
correndo pela casa em que habitas
que habitas com teu ser de água e luz



"como um relógio de ouro o podre oculto nas frutas"
ferreira gullar

porcelana

a vespa
crespa
chispa
e espera:
cada nêspira
uma vêspera.

visão e tato

a ponta corada machuca
estira outra cor na curva
rubor que amarela e aveluda.
ninguém te decifra a textura
e a deixa do gesto é agora:
crina ondula sombras louras
tremem
na procura.
boca!
e luz bissexta à tona:
um pêssigo madura.

tema para esboço

a pele tensa, a ponta risível
mapa generoso de sardas
uma quase via-láctea
arquipélago dormente.
nunca brava a ponto do áureo
ela guarda uma nesga de prata
—palavra
ou mulher difícil.
de dentro constrói asperezas
mas desarma pelo cítrico
—doce, quem iria supor?
salva de quadros, contrária ao talher
a pera envenena o ritmo.
a sala toda orbita a seu favor.

no ateliê

para marília kranz

de tudo o que podia ter brotado
na luz supérflua da meia manhã
—pólen, formigas, os pequenos rastros,
as asas fáceis que te roçam o lábio—
uma palavra caiu no assoalho.
nem dura era, essa maleável
e nunca dentes para aprendê-la
mas obscura abrupta e hiatos.
abrindo sulcos dentro desse quarto
arrepinando o pêlo das ameixas
(crescia um húmus entre as duas letras)
a boca avessa que se fecha ao tato.
flor impossível para as tuas telas.

no jardim

o verão recomeça sua linhagem de folhas
vespas se eternizam em vertigens roxas
no seu zig voo zag ancestral.
guizo de flores a abelha matutina
espirala a corola
e o crisântemo fulmina
num amarelo que dói dói dói.
há uma nota fovista na alface crespa
a larva estala em borboleta
mas a tarde se desprega alheia a isso.
uma luz um motivo um inseto
tremula na tua pupila
com asas de prata e papiro.
o silêncio estrila e me espeta.

eu escuto o que tem que ser dito.



agradecimentos

à bitucha, amiga que escolhi para mãe, com quem aprendi, entre outras coisas, criatividade e coragem

à mari, por estar outra vez junto comigo. e pelo dom de fazer as idéias mais belas

à claudinha, "uma das minhas pessoas favoritas"

ao paulo henriques britto, professor, colaborador e amigo, pelo incentivo, pela cumplicidade e pelo título do livro

aos leitores atentos e atenciosos adele weber moura, bluma villar e ricardo oiticica: sua generosidade ajudou a transformar o que era gagueira em possibilidade de encontro

aos meus amigos ricardo resende, zilda rocha, suzana campos tonin, sônia joraz e flávio estrella, que sempre me deram a maior força

ao valete de paus.



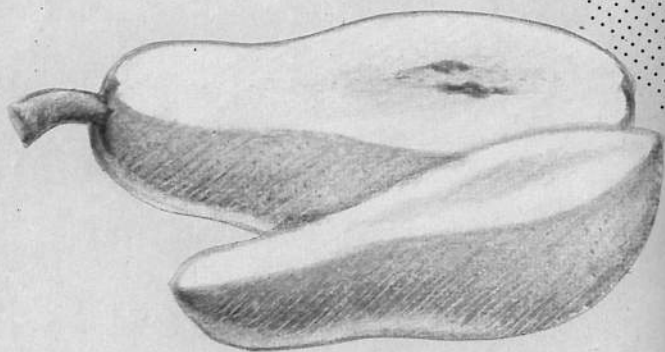


ficha técnica

criação/ arte-final capa: claudia weber moura
planejamento gráfico: mariana roquette-pinto
produção gráfica: flávio estrella/ guirra
fotolito: huguenacolor
impressão e acabamento: gráfica pontual



mas aqui o outono não encontra promessa
março sopra silêncio entre dedos e pétalas
dos teus lábios caem apenas — tarde! — frases amarelas
se desisto do poema empalidecem as peras.



Embora como professor eu já conhecesse a inteligência viva de Claudia Roquette-Pinto, quando ela me pediu que lesse seus versos meu primeiro impulso foi o de repetir o que li quando garoto numa crônica de Manuel Bandeira: toda poesia adolescente é ruim; mas continue escrevendo que, se você for poeta de verdade, um dia você vai escrever bem. Porém resisti ao impulso, por delicadeza, e aceitei o maço de papéis que ela me entregou.

Assim, li os poemas — e constatei que a regra do velho Bandeira, como todas as outras, também tinha exceção. A poesia adolescente de Claudia era boa, muito boa; se lhe faltava maturidade e técnica, abundava tudo o mais: Inteligência, equilíbrio, uma rica imagística, uma musicalidade infalível, uma leveza extraordinária. Na verdade, vários dos poemas eram bem melhores do que muita coisa que eu já lera em letra de forma. Foi o que disse a Claudia. Mas ela resolveu esperar.

Quando, uns dez anos depois, Claudia me mostrou os poemas que pretendia publicar, senti, ainda que nunca os tivesse lido, que de certo modo eu já os conhecia. Eram a realização madura daquele talento que eu tivera o privilégio de conhecer em formação. Lá estavam as imagens, mais precisas do que antes (veja-se qualquer poema

da seção *trips*); o mesmo vigor rítmico, agora domesticado numa cadência de decassílabos que resultava numa música pessoalíssima (chamo a atenção para seqüência de seis poemas que abre o livro, em particular *blefe*). E havia uma nota nova de gravidade, mas que não comprometia a leveza dos poemas da adolescência, que via nascimento e morte com o mesmo maravilhamento discreto (*moon lady, dura ou caroável*), que investia da mesma sensualidade uma fruta, um corpo ou uma paisagem (*tema para esboço, tarde na serra*).

O que o leitor encontrará neste livro é poesia da maior qualidade: contemplação, imagem - e sobretudo música. Numa época em que tantos poetas brasileiros parecem ter se esquecido da lição de Pound ("a poesia apodrece quando se afasta demais da música") e reduzem o poema a um exercício acadêmico de trocadilhos engenhosos e citações arcanas, os *dias gagos* vem lembrar que é possível fazer uma poesia ao mesmo tempo rigorosa e melodiosa, que reflita não apenas sobre o que o poeta leu, mas principalmente sobre o que ele viu, sentiu e viveu.

Paulo Henriques Britto